

# ISABEL ALLENDE

## O CADERNO DE MAYA

Tradução de Alcinda Marinho

Verão

(janeiro, fevereiro, março)

Há uma semana, a minha avó deu-me um abraço sem lágrimas no aeroporto de São Francisco e voltou a dizer-me que, se dava valor à vida, não entrasse em contacto com ninguém conhecido até termos a certeza de que os meus inimigos já não andavam à minha procura. A minha Nini é paranoica, como o são os habitantes da República Popular Independente de Berkeley, que se creem perseguidos pelo governo e pelos extraterrestres, mas no meu caso não estava a exagerar, pois todos os cuidados eram poucos. Deu-me um caderno de cem folhas para manter um diário da minha vida, como tinha feito dos oito aos quinze anos, quando o meu destino se entortou. *Não te vai faltar tempo para te aborreceres, Maya. Aproveita para escreveres sobre as asneiras monumentais que fizeste, para ver se compreendes o seu devido peso*, disse-me. Há vários diários meus, selados com fita-adesiva industrial, que o meu avô costumava guardar fechados à chave no seu escritório e agora estão metidos numa caixa de sapatos debaixo da cama da minha avó. Este seria o meu caderno número 9. A minha Nini acredita que os cadernos me vão ser úteis um dia que faça psicanálise, porque encerram as chaves para desatar os nós da minha personalidade; no entanto, se os tivesse lido saberia que contêm um monte de fábulas capazes de desorientar o próprio Freud. Por princípio, a minha avó desconfia dos profissionais que cobram à hora, já que os resultados rápidos não lhes são nada convenientes, mas abre uma exceção para os psiquiatras, porque um a salvou da depressão e das armadilhas da magia quando lhe deu na cabeça pôr-se a tentar comunicar com os mortos.

Pus o caderno na minha mochila para não a ofender, sem nenhuma intenção de o vir a usar, mas a verdade é que aqui o tempo demora a passar e escrever é uma forma de ocupar as horas. Esta primeira semana no exílio foi longa para mim. Estou numa ilha quase invisível no mapa, em plena Idade Média. Acho difícil escrever sobre a minha vida, porque não sei quanto são recordações e quanto é produto da minha imaginação. A verdade pura pode ser entediante, por isso, sem mesmo me aperceber, mudo-a ou exagero-a, mas pretendo corrigir esta falha e mentir o menos possível no futuro. E é assim que, no momento presente, quando até mesmo os índios Yanomani da Amazônia usam computadores, eu estou a escrever à mão. Demoro bastante tempo, e devo estar a escrever no alfabeto cirílico, porque nem mesmo eu consigo decifrar a minha letra, mas suponho que irá ficando mais clara de página para página.

Escrever é como andar de bicicleta: nunca se esquece, mesmo se passarmos anos sem praticar. Tento avançar segundo uma ordem cronológica, já que a narrativa deve seguir algum tipo de ordem e pensei que assim seria fácil, mas perco o fio à meada, perco-me por caminhos secundários ou esqueço-me de algo importante várias páginas mais à frente e já não há forma de o intercalar no relato. A minha memória move-se em círculos, espirais e saltos de trapezista.

Chamo-me Maya Vidal, dezanove anos, sexo feminino, solteira, sem namorado por falta de oportunidade e não por esquisitice, nascida em Berkeley, Califórnia, com passaporte americano, temporariamente refugiada numa ilha no sul do mundo. Chamaram-me Maya porque a minha Nini adora a Índia e não ocorreu outro nome aos meus pais, embora tenham tido nove meses para pensar no assunto. Em hindí, Maya significa «feitiço, ilusão, sonho», o que não tem nada a ver com o meu carácter. Átila teria sido mais apropriado, pois onde ponho o pé a erva não volta a crescer. A minha história começa no Chile com a minha avó, a minha Nini, muito antes de eu nascer, porque se ela não tivesse emigrado não se teria apaixonado pelo meu Popo nem se teria instalado na Califórnia, o meu pai não teria conhecido a minha mãe e eu não seria eu, mas uma jovem chilena muito diferente.

E como sou eu? Um metro e oitenta, cinquenta e oito quilos quando jogo futebol e vários quilos mais quando me descuido, pernas musculosas, mãos desajeitadas, olhos azuis ou cinzentos, segundo a hora do dia, e acho que sou loura mas não tenho a certeza, uma vez que há vários anos que não vejo a cor natural do meu cabelo. Não herdei o aspeto exótico da minha avó, com a sua pele cor de azeitona e aquelas olheiras escuras que lhe dão um ar depravado, ou do meu pai, aprumado como um toureiro e igualmente vaidoso, nem tão-pouco me pareço com o meu avô – o meu magnífico Popo –, que por infelicidade não é o meu antepassado biológico, mas o segundo marido da minha Nini.

Pareço-me com a minha mãe, pelo menos no tamanho e na cor. A minha mãe não era nenhuma princesa da Lapónia, como pensava antes de ter uso da razão, mas uma hospedeira de voo dinamarquesa por quem o meu pai, piloto comercial, se apaixonou em pleno ar. O meu pai era demasiado jovem e pobre para se casar, mas meteu na cabeça que aquela era a mulher da sua vida e perseguiu-a teimosamente até que ela cedeu por cansaço. Ou talvez tenha cedido porque estava grávida. A verdade é que se casaram e se arrependeram ao fim de uma semana, mas ficaram juntos até ao meu nascimento. Alguns dias depois de eu nascer, enquanto o marido andava pelos ares, a minha mãe fez as malas, enrolou-me numa mantinha, apanhou um táxi e foi ver os sogros. A minha Nini andava por São Francisco a protestar contra a Guerra do Golfo, mas o meu Popo estava em casa e recebeu o volume que a minha mãe lhe entregou sem lhe dar muitas explicações antes de correr para o táxi que a esperava. A neta era tão leve que cabia numa só mão do avô. Pouco depois, a dinamarquesa mandou por correio os papéis do divórcio e, de brinde, a renúncia à custódia da filha. A minha mãe chamava-se Marta Otter e conheci-a no verão dos meus oito anos, quando os meus avós me levaram à Dinamarca.

Encontro-me no Chile, o país da minha avó Nidia Vidal, onde o oceano come a terra às dentadinhas e o continente sul-americano se desfia em ilhas. Para ser mais precisa, estou em Chiloé, parte da Região dos Lagos, entre o paralelo 41 e o paralelo 43, latitude sul, um arquipélago com mais ou menos nove mil quilómetros quadrados de superfície e uns duzentos mil habitantes, todos mais baixos que eu. Na língua

mapuche, o idioma dos indígenas da região, Chiloé quer dizer «terra da gaivota-maria-velha»<sup>1</sup>, que é uma espécie de gaivota de cabeça negra que faz muito barulho, mas deveria chamar-se terra de madeira e batatas. Para além da Ilha Grande, onde se encontram as cidades mais povoadas, existem muitas ilhas pequenas, várias das quais desabitadas. Algumas encontram-se em grupos de três e quatro e estão tão próximas umas das outras que na maré baixa se tocam, mas eu não tive a sorte de ir parar a uma destas e vivo a quarenta e cinco minutos, em lancha a motor e com mar calmo, da localidade mais próxima.

A minha viagem desde o norte da Califórnia até Chiloé começou no nobre Volkswagen amarelo da minha avó, que sofreu dezassete embates desde 1999 mas anda como um Ferrari. Parti em pleno inverno, num daqueles dias de vento e chuva em que a baía de São Francisco perde as cores e parece desenhada com caneta de tinta permanente, em tons de branco, preto e cinzento. A minha avó conduzia ao seu estilo, aos solavancos, agarrada ao volante como a um salva-vidas, com os olhos postos em mim mais que na estrada, ocupada a dar-me as últimas instruções. Ainda não me tinha explicado exatamente para onde me ia mandar; Chile era tudo o que tinha referido ao traçar o plano para me fazer desaparecer. No carro, revelou-me os pormenores e entregou-me um guiazinho turístico em edição barata.

– Chiloé? Que lugar é esse? – perguntei.

– Tens aí toda a informação necessária – respondeu ela, indicando o livro.

– Parece muito longe...

– Quanto mais longe fores, melhor. Em Chiloé conto com um amigo, o Manuel Arias, a única pessoa neste mundo, tirando o Mike O’Kelly, a quem me atreveria a pedir para te esconder um ano ou dois.

– Um ano ou dois! Estás avariada da cabeça, Nini!

– Olha, menina, há momentos em que não temos controlo nenhum sobre a nossa própria vida; as coisas acontecem, é tudo. Este é um desses momentos – anunciou-me com o nariz encostado ao para-brisas,

---

<sup>1</sup> No original o nome desta gaivote é «cáhuil». (N. da T.)

tentando orientar-se enquanto dávamos voltas às cegas pelo emaranhado de autoestradas.

Chegámos a correr ao aeroporto, despedimo-nos sem grandes exageros sentimentais e a última imagem que guardo dela é do Volkswagen afastando-se aos solavancos sob a chuva. Viajei várias horas até Dallas, apertada entre a janela e uma gorda que cheirava a amendoim torrado, e a seguir apanhei outro voo de dez horas para Santiago do Chile, acordada e cheia de fome, recordando, pensando e lendo o livrinho sobre Chiloé, que exaltava as virtudes da paisagem, das igrejas de madeira e da vida rural. Fiquei apavorada. O dia 2 de janeiro deste ano de 2009 amanheceu com um céu alaranjado sobre as montanhas arroxeadas dos Andes, definitivas, eternas, imensas, e a voz do piloto anunciou a aterragem. Logo apareceu um vale verde, filas de árvores, pastagens verdejantes e, ao longe, a cidade de Santiago do Chile, onde nasceram a minha avó e o meu pai e onde se encontra um pedaço misterioso da história da minha família.

Sei muito pouco acerca do passado da minha avó, do qual ela raramente fala, como se a sua vida tivesse começado quando conheceu o meu Popo. Em 1974, no Chile, morreu o seu primeiro marido, Felipe Vidal, alguns meses após o golpe militar que derrubou o governo socialista de Salvador Allende e estabeleceu uma ditadura no país. Quando se viu viúva, a minha avó decidiu que não queria viver num regime opressor e emigrou para o Canadá com o filho Andrés, o meu pai. Este não consegue acrescentar muito à história, porque se lembra pouco da sua infância, mas continua a venerar o pai, do qual subsistem somente três fotografias.

– Não vamos voltar, pois não? – disse Andrés quando iam no avião que os levou para o Canadá.

Não foi uma pergunta, mas uma acusação. O meu pai tinha nove anos e, nos meses anteriores, tinha crescido muito em termos psicológicos; queria explicações, porque percebera que a mãe o tentava proteger com mentiras e meias-verdades. Tinha aceitado corajosamente a notícia do súbito ataque cardíaco do pai, bem como a notícia de que

este fora enterrado sem que pudesse ver o corpo para se despedir. Pouco depois, viu-se num avião com destino ao Canadá.

– É claro que vamos voltar, Andrés – garantiu a minha avó, mas o meu pai não acreditou.

Em Toronto foram recebidos por voluntários do Comité para os Refugiados; forneceram-lhes roupa adequada e instalaram-nos num apartamento mobilado com as camas feitas e o frigorífico cheio. Nos três primeiros dias, enquanto duraram as provisões, mãe e filho permaneceram trancados em casa, tiritando de solidão, mas no quarto receberam a visita de uma assistente social que falava bem espanhol e os informou dos apoios e direitos de cada cidadão no Canadá. Antes de mais nada, receberam aulas intensivas de inglês e o menino foi matriculado na escola correspondente; depois, Nidia arranhou emprego como motorista, para evitar a humilhação de receber uma esmola do Estado sem trabalhar para isso. Era o emprego menos adequado para a minha Nini, que, se hoje guia pessimamente, naquela altura guiava ainda pior.

O breve outono canadiano deu lugar a um inverno polar, ótimo para Andrés, a quem agora chamavam Andy, que descobriu as alegrias da patinagem no gelo e do esqui, mas insuportável para Nidia, que nunca se conseguia sentir quente ou ultrapassar a tristeza de ter perdido marido e país. O seu humor não melhorou com a chegada de uma hesitante primavera nem com as flores que, numa só noite, brotaram como uma miragem onde antes havia neve dura. Sentia-se sem raízes e tinha a mala sempre feita, esperando a oportunidade de voltar ao Chile mal a ditadura terminasse, sem imaginar que isto tardaria dezasseis anos a acontecer.

Nidia Vidal permaneceu em Toronto dois anos, contando os dias e as horas, até que conheceu Paul Ditson II, o meu Popo, um professor da Universidade da Califórnia em Berkeley, que tinha ido a Toronto dar uma série de conferências sobre um esquivo planeta, cuja existência tentava provar mediante cálculos poéticos e saltos da imaginação. O meu Popo era um dos poucos astrónomos afro-americanos numa profissão esmagadoramente dominada por brancos, uma eminência na sua área e autor de vários livros. Em jovem, passara um ano no Lago Turkana, no Quênia, a estudar os antigos megálitos da região e,

com base nas suas descobertas arqueológicas, desenvolvera a teoria de que aquelas colunas de basalto tinham sido observatórios astronómicos utilizados trezentos anos antes da era cristã para determinar o calendário lunar Borana, que os pastores da Etiópia e do Quénia continuam ainda a usar. Em África aprendeu a observar o céu sem ideias pré-concebidas e assim nasceram as suas suspeitas sobre a existência do planeta invisível, que depois procurou inutilmente no céu com os telescópios mais poderosos.

A Universidade de Toronto instalou-o numa suíte para visitantes académicos e alugou-lhe um carro através de uma agência, e foi deste modo que Nidia Vidal se viu a escoltar o professor durante a sua estada. Ao saber que a sua motorista era chilena, este contou-lhe que estivera no observatório de Silla, no Chile, e que no hemisfério sul se veem constelações desconhecidas no norte, como as galáxias da Pequena Nuvem de Magalhães e da Grande Nuvem de Magalhães, e que em algumas partes as noites são tão límpidas e o clima tão seco que se tornam ideais para esquadrihar o firmamento. Foi assim que se descobriu que as galáxias se agrupam em desenhos parecidos com teias de aranha. Por uma daquelas coincidências romanescas, o astrónomo terminara a sua visita ao Chile no mesmo dia de 1974 em que a minha avó partira com o filho para o Canadá. Ocorreu-me que talvez tenham estado juntos no aeroporto, esperando os respetivos voos, sem se conhecerem, mas segundo eles isso seria impossível, porque o meu Popo teria reparado naquela bela mulher e ela também o teria visto, pois no Chile daquela altura um negro chamava a atenção, especialmente um tão alto e garboso como o meu Popo.

Bastou a Nidia uma manhã a conduzir por Toronto com o passageiro no banco de trás para compreender que este possuía a rara combinação de uma mente brilhante com a fantasia de um sonhador, mas lhe faltava por completo o sentido prático do qual ela tanto se orgulhava. A minha Nini nunca me conseguiu explicar como chegou a esta conclusão ao volante do carro e em pleno trânsito, mas o facto é que acertou em cheio. O astrónomo vivia tão perdido como o planeta que procurava nos céus. Em menos de um piscar de olhos, conseguia calcular quanto tempo demoraria a chegar à Lua uma nave espacial viajando a vinte e oito mil, trezentos e três quilómetros por hora, mas

ficava perplexo diante de uma cafeteira elétrica. A minha avó não sentia o difuso esvoaçar do amor desde há anos e aquele homem, muito diferente de todos os que tinha conhecido nos seus trinta e três anos, intrigava-a e atraía-a.

O meu Popo, bastante assustado com a audácia ao volante da sua motorista, também se sentia curioso acerca da mulher que se escondia atrás de um uniforme demasiado grande e de um gorro de caçador de ursos. Não era homem de ceder facilmente a impulsos sentimentais e, se por acaso lhe passou pela cabeça a ideia de a seduzir, descartou-a de imediato por lhe parecer uma chatice. A minha Nini, pelo contrário, achando que não tinha nada a perder, decidiu atirar-se ao astrónomo antes que acabassem as conferências. Agradava-lhe a sua pele cor de mogno – queria contemplá-lo de alto a baixo – e pressentia que os dois tinham muito em comum, ele com a astronomia e ela com a astrologia, que na opinião da minha avó era quase a mesma coisa. Achou que ambos tinham vindo de longe para se encontrarem naquele ponto do globo e dos seus destinos, porque era assim que estava escrito nas estrelas. Já nessa altura a minha avó era dependente do horóscopo, mas não foi por isso que deixou tudo ao acaso. Antes de tomar a iniciativa de o atacar de surpresa, deu-se ao trabalho de descobrir que era solteiro, com boa situação económica, saudável e apenas onze anos mais velho que ela, embora à primeira vista pudesse parecer sua filha, se tivessem sido da mesma raça. Anos mais tarde, o meu Popo contaria, a rir, que se ela não o tivesse posto fora de combate no primeiro assalto, ainda continuaria a viver apaixonado pelas estrelas.

Ao segundo dia, o professor sentou-se no lugar da frente para observar melhor a sua motorista e esta deu várias voltas desnecessárias pela cidade para lhe dar tempo para isso. Nessa mesma noite, depois de dar de comer ao filho e de o deitar, Nidia despiu o uniforme, tomou um duche, pintou os lábios e apresentou-se diante da sua presa com o pretexto de lhe devolver uma capinha que o professor tinha deixado no carro e a minha avó lhe podia perfeitamente ter entregue na manhã seguinte. Nunca tomara uma decisão amorosa tão atrevida. Chegou ao hotel desafiando um vento gelado, subiu até à suíte, benzeu-se para ganhar coragem e bateu à porta. Eram onze e meia da noite quando se introduziu definitivamente na vida de Paul Ditson II.